

A doença e o amigo: uma análise da recusa e da negatividade na epidemia de aids em Hervé Guibert

The Illness and the friend: an analysis of denial and negativity in the AIDS epidemic in Hervé Guibert

Augusto Platini Menna Barreto Gomes

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0009-0000-8881-4292> 

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo 

Resumo: Este ensaio analisa a produção de subjetividades dissidentes no contexto da epidemia de HIV/aids, focando na recusa e na negatividade como potências políticas. O objetivo central é investigar como a autoficção "O amigo que não me salvou a vida", de Hervé Guibert, performa uma subjetividade que resiste às narrativas de redenção e superação. A abordagem metodológica adotada é a da cartografia, que recusa uma história linear para mapear os agenciamentos que constituem a experiência da aids. O referencial teórico articula a teoria crip, que critica a capacidade compulsória, com a vertente antissocial da teoria queer (Leo Bersani, Lee Edelman), mobilizando ainda conceitos como as tecnologias de si (Michel Foucault) e a política dos afetos retrógrados (Heather Love). Argumenta-se que Guibert converte a degenerescência do corpo em texto, utilizando a escrita como uma tecnologia de si para disputar o poder de narrar a própria finitude contra o dispositivo médico. Conclui-se que a obra performa uma subjetividade estilhaçada que abraça a vergonha e a traição, alinhando-se a uma política de "sentir-se para trás" (feeling backward), que insiste em habitar o dano como forma de engajamento ético com a memória do trauma.

Palavras-chave: aids; autoficção; teoria queer; teoria crip; negatividade.

Abstract: This essay analyzes the production of dissident subjectivities within the context of the HIV/aids epidemic, focusing on refusal and negativity as political potencies. The main objective is to investigate how Hervé Guibert's autofiction "To the Friend Who Did Not Save My Life" performs a subjectivity that resists narratives of redemption and overcoming. The methodological approach is cartography, which refuses a linear history in order to map the assemblages that constitute the experience of aids. The theoretical framework articulates crip theory, which critiques compulsory able-bodiedness, with the antisocial turn of queer theory (Leo Bersani, Lee Edelman), also mobilizing concepts such as technologies of the self (Michel Foucault) and the politics of backward affects (Heather Love). It is argued that Guibert converts the degeneration of the body into text, using writing as a technology of the self to dispute the power to narrate his own finitude against the medical apparatus. The conclusion is that the work performs a shattered subjectivity that embraces shame and betrayal, aligning with a politics of "feeling backward," which insists on inhabiting the damage as a form of ethical engagement with the memory of trauma.

Keywords: aids; autofiction; queer theory; crip theory; negativity.

Introdução

Este artigo propõe uma reflexão sobre a produção de subjetividades dissidentes no contexto da epidemia de HIV/aids, partindo de uma perspectiva encarnada e situada (HARAWAY, 1995): a de um pesquisador-historiador cujo corpo é, ao mesmo tempo, autista, dissidente de sexo-gênero e vivendo com HIV. Esta posição alinha-se a uma práxis neuroqueer (GOMES, 2025), um gesto de recusa à heterocisnormatividade, à capacidade compulsória e aos padrões neurocognitivos. Enunciar este lugar não é um ato de reivindicação biográfica, mas a consequência de um posicionamento epistemológico que reconhece o corpo como arquivo (GOMES, 2024a).

A análise debruça-se sobre a autoficção "O amigo que não me salvou a vida", de Hervé Guibert (GUIBERT, 2023). A abordagem metodológica é a da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), que recusa uma história linear para mapear os agenciamentos que marcam a subjetividade na epidemia. O arcabouço teórico que sustenta esta análise, detalhado a seguir, articula a crítica da teoria crip com a negatividade da teoria queer antissocial, buscando navegar as tensões que definem a experiência do trauma.

Este gesto metodológico é inseparável de um ato de ativismo. Ao se debruçar sobre o "arquivo de sentimentos" (CVETKOVICH, 2018) deixado pela epidemia, esta pesquisa busca usar a cartografia para tecer uma forma de "intimidade neuroqueer" (SMILGES, 2022): uma aliança forjada no trauma que conecta subjetividades dissidentes para além de uma identidade compartilhada.

O arcabouço teórico deste artigo fundamenta-se na recusa à normalização. A análise da aids como dispositivo de poder parte de Foucault e Perlongher. A concepção das dissidências de tempo, sexo e gênero, por sua vez, é construída a partir do diálogo entre a teoria crip, que ataca a "capacidade compulsória" (MCRUER, 2006), e a vertente antissocial da teoria queer, que rejeita ou critica o "futurismo reprodutivo" (EDELMAN, 2014). Esta aliança teórica permite sustentar uma crítica tanto às narrativas de superação quanto ao assimilacionismo (homo-trans)normativo. Para a análise textual e afetiva, mobilizo ainda três noções-chave: a função-autor de Foucault para pensar a autoficção, o "arquivo de sentimentos" de Cvetkovich para aceder ao trauma, e a política dos "sentimentos retrógrados" de Heather Love.

Cartografias da Ferida: Tempo, Trauma e a Encruzilhada Teórica

A historiografia liberal, com sua ênfase no progresso e em um sujeito universal, oferece ferramentas insuficientes para pensar a produção de subjetividades dissidentes no dispositivo da aids. Este projeto se afasta conscientemente dessas narrativas para adotar uma abordagem cartográfica, cujo objetivo é intervir criticamente no presente. A urgência política se impõe: a não elaboração do trauma coletivo da aids tem como

consequência a atualidade de uma pandemia sistematicamente ocultada pela propaganda que a reduz a "apenas mais uma doença crônica".

A recusa metodológica a uma história linear parte de uma premissa fundamental: a concepção de tempo como uma seta universal não é um dado neutro, mas um dispositivo epistêmico da colonialidade. A história, como propõe Berber Bevernage, não lida com um passado morto, *but with the “pastness”*, a presença insistente de passados que não passam (BEVERNAGE, 2014). Essa presença é o campo da *hauntologia* de Derrida: o reconhecimento de que o presente é habitado por espectros, por futuros que não se realizaram e por passados que se recusam a morrer (DERRIDA, 1994). O trauma da aids opera sob essa lógica, exigindo uma historicidade espectral.

Assim, no centro deste artigo, encontra-se uma tensão produtiva para pensar as subjetividades na epidemia, articulada no confronto entre o projeto político da teoria *crip* e a negatividade radical da teoria *queer* antissocial. De um lado, o projeto *crip*, como articulado por Alison Kafer, parte do reconhecimento de que a deficiência, o corpo adoecido ou envelhecido são frequentemente posicionados como "um futuro que ninguém quer". Em resposta, Kafer propõe uma política de "Futuros Crip" (*Crip Futures*), uma aposta na construção de futuros viváveis a partir da experiência da doença, da deficiência ou do corpo não normativo, focada em "alianças políticas" e na "responsabilidade coletiva pelo cuidado" (KAFER, 2013). O ativismo da aids, com suas redes de cuidado comunitário, foi a materialização exemplar dessa política.

De outro lado, o projeto *queer* antissocial de Lee Edelman e Leo Bersani é radicalmente desestrututivo e se opõe a qualquer política investida no futuro. Para Edelman, a ordem política é inteiramente organizada em torno do "futurismo reprodutivo", uma lógica que sacrifica o presente em nome de um futuro fantasmático, sempre encarnado na figura da Criança. A posição *queer*, para ele, deveria abraçar a negatividade, recusando a esperança como armadilha ideológica, pois o futuro é "mera repetição e [...] tão letal como o passado" (EDELMAN, 2014).

A história das subjetividades na aids é a oscilação permanente entre esses dois pólos. A obra de Guibert, como se argumentará, personifica a implosão do projeto comunitário e a entrega a essa negatividade. Para navegar nessa encruzilhada, este ensaio adota a práxis de Donna Haraway: "ficar com o problema" (*staying with the trouble*) (HARAWAY, 2023a). Trata-se de resistir tanto à promessa de um futuro redimido quanto à entrega ao apocalipse, cultivando práticas de reexistência no aqui e agora.

Autobiografia ou autoficção

Publicado originalmente em 1990, "Ao amigo que não me salvou a vida" é a obra mais conhecida de Hervé Guibert e um marco importante na literatura sobre a aids. A autoficção narra, em primeira pessoa, a experiência do autor-narrador após receber a

notícia de que estava infectado pelo HIV. A trama se estrutura em torno de uma dupla relação: de um lado, a crônica da agonia de seu amigo Muzil (figura literária de Michel Foucault), cujo declínio espelha o futuro do próprio narrador; de outro, a promessa de salvação oferecida por seu amigo Bill, um executivo da indústria farmacêutica que supostamente detém o acesso a uma vacina experimental.

Confrontado com o progressivo colapso físico e a falha dessa promessa, o narrador converte a escrita em uma tecnologia de si: um instrumento para disputar o poder de narrar a própria finitude contra o dispositivo médico. A obra documenta não apenas a relação com o amigo moribundo, mas performa uma subjetividade que, ao final, recusa a esperança, a redenção e abraça a traição como verdade, transformando a agonia em um ato de vingança e em arquivo. O livro torna-se, assim, o testemunho de uma subjetividade que se estilhaça, insistindo na permanência da ferida como forma de engajamento ético.

A obra de Guibert é lida como autoficção, entendida aqui não como uma autobiografia disfarçada, mas como um pacto oxímórico que opera na fronteira entre o factual e o ficcional (DOUBROVSKY, 2014), produzindo uma "indecidibilidade" que é, em si, uma estratégia política (FAEDRICH, 2022). Para além desse pacto, a análise pode ser aprofundada pelo conceito de "ficcionalização de si" de Vincent Colonna, que o opõe ao romance autobiográfico: trata-se do gesto deliberado do autor de "dar seu nome de escritor a um personagem introduzido em situações imaginárias" (COLONNA, 1989, p. 10, tradução nossa).

Essa estratégia encontra sua plena dimensão na noção de autoficção como performance, desenvolvida por Diana Klinger. Para Klinger, o que interessa na autoficção não é a correspondência do texto com a vida do autor, "mas sim a do texto como forma de criação de um 'mito do escritor'" (KLINGER, 2008, p. 22). A escrita de si torna-se uma encenação, um work in progress no qual o leitor assiste "ao vivo" ao processo de construção do autor como personagem (KLINGER, 2008, p. 26). Nessa perspectiva, a obra de Guibert é exemplar: ele não está apenas a relatar a sua doença, mas a performar a sua própria agonia, utilizando a escrita como uma tecnologia para se construir e se exibir no próprio ato de morrer.

A aids *crip* e recusa queer antissocial

A análise da obra de Guibert exige um arcabouço teórico que articule a materialidade da doença com a subjetividade dissidente. A experiência da aids, como argumento, é intrinsecamente *crip*. A epidemia não apenas produziu corpos debilitados, mas, como defende Robert McRuer, expôs como a própria noção de "corpo-apto" é uma construção ideológica, mostrando que "a gestão cultural da aids é uma parte da gestão cultural da deficiência" (MCRUER, 2002, p. 231). Assim, essa condição material impõe

pensar a partir de uma temporalidade fraturada, o "tempo *crip*", que recusa a produtividade e a cronomodernidade.

Contudo, defendo que esta temporalidade articula-se de forma tensa com a negatividade da teoria *queer* antissocial. Enquanto o tempo *crip* pode abrir espaço para "redes de cuidado e estratégias de sobrevivência" (SMILGES, 2022, p. 187), a negatividade crítica e radical de Lee Edelman (2014) recusa qualquer horizonte futuro, afirmando que "o futuro é mera repetição e que é tão letal como o passado" (EDELMAN, 2014, p. 57). A partir dessa encruzilhada, argumento que a subjetividade na obra de Guibert nasce de uma fratura fundamental. Seu corpo, violentamente inscrito no tempo *crip*, responde à traição e ao colapso das redes de cuidado não com a solidariedade, mas com uma negatividade antissocial. Essa resposta invalida o potencial comunitário da experiência *crip*, resultando numa política *queer* que, diante da doença e da morte, recusa radicalmente a esperança.

Assim, é Leo Bersani quem oferece as ferramentas mais potentes para analisar essa subjetividade. Em sua obra, ele argumenta que a sexualidade contém um potencial de "autoestilhaçamento" (*self-shattering*) que desfaz a coerência do eu (BERSANI; PHILLIPS, 2008). Além disso, este autor aponta para os "mecanismos indutores de vergonha internos à própria comunidade gay" (BERSANI, 2011, p. 92), nos quais reconhecer-se infectado reativa um estigma associado à passividade sexual. A autoficção de Guibert, portanto, será lida como a exploração dessa radicalização da diferença: uma investigação sobre como a convivência com a morte e a vergonha levam a uma recusa da normalização.

A epidemia expôs, portanto, como a noção de "corpo-apto" é uma construção ideológica que sustenta a exclusão (MCRUER, 2002). Corpos dissidentes foram sistematicamente posicionados como "abjetos" ou "já mortos" para preservar a ficção de uma comunidade nacional saudável, exercendo o que Achille Mbembe (2018) define como necropolítica: o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. É precisamente em resposta a essa violência que a reflexão de Leo Bersani sobre a antissocialidade se torna importante. Diante da falência dos modelos normativos de cuidado, a questão central que emerge da obra de Guibert é como a experiência da morte e da doença forja uma subjetividade que abraça a negatividade como potência, recusando a normalização e a redenção.

O texto e o corpo

A autoficção "Ao amigo que não me salvou a vida" articula a crônica da degenerescência do corpo do narrador-autor, Hervé Guibert, após seu diagnóstico de aids. O enredo é tensionado pela promessa de salvação oferecida por seu amigo Bill, que detém a chave para uma vacina experimental. Confrontado com o progressivo

colapso físico e a falha dessa promessa, o personagem-autor converte a escrita em uma tecnologia de si: um instrumento para disputar o poder de narrar ironicamente a própria finitude. A obra documenta não apenas a sua relação com o amigo moribundo Muzil (figura de Foucault), mas performa uma subjetividade que, ao final, recusa a redenção e abraça a traição como verdade.

Em obras de autoficção que se debruçam sobre o trauma, o corpo e o texto estabelecem uma relação de mútua constituição. A escrita aparece não como representação, mas como o próprio local onde a experiência se desdobra e se realiza. No livro, Hervé Guibert converte a decadência de seu corpo em texto. Para articular a crise - coletiva e individual, ele transgride os limites entre os gêneros, romance, diário e testemunho, em uma estratégia que não é um artifício estilístico, mas uma resposta necessária à incapacidade da linguagem convencional de dar conta do trauma.

Foi assim que entendi as coisas, e foi o que eu disse ao doutor Chandi quando ele começou a seguir a evolução do vírus em meu corpo: a aids não é realmente uma doença, dizer que é simplifica as coisas, ela é um estado de fraqueza e abandono que abre a jaula de nossa fera interior, à qual sou obrigado a dar plenos poderes para me devorar, a deixar que faça sobre meu corpo vivo o que ela se preparava para fazer em meu cadáver para desintegrá-lo. Os fungos da pneumocistose que são jiboias constritoras para os pulmões e a respiração e os cistos da toxoplasmose que destroem o cérebro existem dentro de cada homem (...) (GUIBERT, 2023, p. 15).

A fusão de registros no texto de Guibert evidencia a busca por uma linguagem de fronteira, uma "escritura colindante" (RIVERA GARZA, 2023) adequada para narrar a vida no limite. Essa necessidade de forjar uma definição própria para a aids coloca Guibert naquilo que Marcelo Secron Bessa (1997) chamou de "epidemia discursiva". Ele não apenas nomeia a doença desde a primeira frase, mas rejeita a elipse para forçar um confronto direto com a "palavra-estigma", criando suas próprias metáforas, como a do "sangue desnudado".

Muito antes da certeza de minha doença, confirmada pelos exames, senti meu sangue de repente a descoberto, a nu, como se uma roupa ou capuz sempre o tivessem protegido, sem que deles eu tivesse consciência porque eram naturais, e como se alguma coisa, eu não compreendia o quê, os tivesse retirado. Eu precisava viver, a partir de então, com esse sangue desnudado e exposto, como o corpo despido que precisa atravessar um pesadelo.

Meu sangue desprotegido, em toda parte e todo lugar, e para sempre, exceto por algum milagre com transfusões improváveis, meu sangue nu a todo momento, no transporte público, na rua ao

caminhar, sempre perseguido por uma flecha que me tem por alvo a cada instante. Será que isso se vê em meus olhos? Não me preocupo tanto em conservar um olhar humano quanto em adquirir um olhar demasiado humano, como o dos prisioneiros de Noite e neblina, o documentário sobre os campos de concentração." (GUIBERT, 2023, p. 11-12).

Essa disputa pelo poder de significar a própria morte materializa-se no confronto de Guibert com o dispositivo médico. A obra encena o funcionamento do "olhar" (FOUCAULT, [s/d]) que transforma o hospital no epicentro de um "dispositivo médico-policial" (PERLONGHER, 1988). Ao falhar a norma da "capacidade compulsória" (MCRUER, 2006), o corpo doente de Guibert é processado e despersonalizado. É contra esse assujeitamento que seu corpo se insurge como um contra- arquivo. A deterioração de seu sangue e a contagem de linfócitos T4 não são apenas dados clínicos, mas as entradas de seu próprio "arquivo dos afetos" (CVETKOVICH, 2018). A escrita torna-se, então, a "tecnologia de si" (FOUCAULT, 1990) através da qual ele retoma o controle, performando uma agência *crip* radical.

Atravessei um segundo acesso do Boulevard Périphérique para chegar ao portão do hospital Claude-Bernard, onde não havia nem guarda nem serviço de admissão [...]. Tudo estava deserto, despojado, frio e úmido [...] eu caminhava ao longo dos pavilhões trancados, cor de tijolo, que anunciam em seus frontões "Doenças Infectiosas" [...] até o pavilhão das doenças mortais, única célula iluminada que continuava zumbindo [...] e onde se extraía sem descanso o sangue contaminado. [...] Passei por um corredor de azulejos, transformado em sala de espera para pobres coitados como eu [...]. Três enfermeiras se espremiam num armário para vassouras [...] gritando nomes, e então elas gritaram o meu [...]. A enfermeira que tiraria meu sangue me encarou com um olhar cheio de doçura que queria dizer: "Você vai morrer antes de mim". (GUIBERT, 2023, p. 43-44).

O corpo (e o texto) de Guibert constitui um "território em disputa", atravessado por "marcas de múltiplas violências". Para Deleuze e Guattari, a sociedade não é um meio de troca, mas um *socius* de inscrição onde o essencial é "marcar e ser marcado" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 189). O corpo de Guibert é essa superfície onde o dispositivo de poder inscreve suas marcas, e que a escrita disputa. É essa prática que encontra tradução teórica no conceito de "desapropriação" de Cristina Rivera Garza, que defende uma escrita que renuncia à soberania da voz autoral para se realizar "em relações tensas [...] com outros corpos em territórios específicos" (RIVERA GARZA, 2023, p. 56).

Guibert não oferece um relato cronológico, mas uma cartografia do trauma (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Em um capítulo emblemático, ele cataloga os anos que antecederam o diagnóstico, tratando cada um como um estrato em sua história patológica:

"1980 foi o ano da hepatite que Jules me passou de um inglês que se chamava Bobo, e que Berthe evitou por pouco com uma injeção de gamaglobulina. 1981, o ano da viagem de Jules à América, onde ele se tornou amante de Ben em Baltimore e de Josef em San Francisco, pouco depois que Bill me falou da existência da doença pela primeira vez, a não ser que ele tenha me falado sobre ela no final de 1980. Em dezembro de 1981, em Viena, Jules fode na minha frente, na noite de meu aniversário, um pequeno massagista loiro e encaracolado, Arthur, que ele tirou de uma sauna e que tem manchas e cascas de ferida pelo corpo todo, sobre quem escrevo no dia seguinte em meu diário, numa semi-inconsciência, pois na época acreditávamos apenas de maneira relativa no flagelo: "Pegávamos a doença do corpo um do outro, ao mesmo tempo. Teríamos pegado lepra se pudéssemos". 1982 foi o ano do anúncio de Jules, em Amsterdam, da concepção de um primeiro filho que se chamaria Arthur e que acabou na privada, anúncio que me traumatizou a ponto de eu pedir a Jules, em troca, que ele criasse em meu corpo uma força negativa, "um germe negro", foi o que eu disse naquela noite aos prantos num restaurante de Amsterdam à luz de velas, o que não teve nenhuma repercussão aparente, pois eu sonhava com tapas, sujeições e disciplinamentos, queria me tornar seu escravo e foi ele que se tornou o meu de maneira intermitente. Em dezembro de 1982, em Budapeste, sou enrabado por um ianque imbecil originário de Kalamazoo, Tom, que se recolhera sobre o túmulo de Bartók e que me chama de seu bebê. 1983 foi o ano do México, do abscesso na garganta e dos gânglios de Jules. 1984 foi o ano das traições de Marine e de meu editor, da morte de Muzil e dos votos depositados no Templo do Musgo no Japão. Não localizo nada em 1985 relativo a nossa história. 1986 foi o ano da morte do pároco. 1987, o ano de meu herpes-zóster. 1988, o ano da revelação inapelável de minha doença, seguida três meses depois pelo acaso que me fez acreditar numa salvação." (GUIBERT, 2023, p. 47-48).

A justaposição de eventos "*desedimenta*" a história da infecção, revelando o trauma não como um fato isolado, mas como uma acumulação de vulnerabilidades, mostrando como "o passado nunca se vai de todo" (RIVERA GARZA, 2022, p. 13).

Subjetividade estilhaçada: Contato, vergonha e traição

Na fronteira onde corpo e texto se tornam indissociáveis, a autoficção de Guibert se revela um exemplo do que Sara Ahmed (2015) chama de a constituição afetiva do sujeito. A noção de um "eu" soberano é desmantelada pelo ato de narrar, que se

assume como o registro de uma subjetividade porosa. Os sentimentos, para Ahmed, não são propriedades individuais, mas forças que produzem os limites que nos definem: "é através das emoções [...] que as superfícies ou fronteiras são feitas: o 'eu' e o 'nós' são moldados por [...] contato com os outros" (AHMED, 2015, p. 18).

Essa condição gera uma crise. Se o "eu" é constituído por relações que o excedem, então qualquer tentativa de oferecer um relato coerente de si está fadada ao fracasso (BUTLER, 2015). O sujeito, para Judith Butler (2015), é opaco para si mesmo. A autoficção de Guibert pode ser lida como a performance radical dessa impossibilidade. Ao ser interpelado pela doença, ele é forçado a dar um relato de si, mas sua narrativa se estilhaça, expondo os limites do autoconhecimento. Ele admite: "digo para mim mesmo que este livro tem sua razão de ser justamente nessa margem de incerteza, comum a todos os doentes do mundo" (GUIBERT, 2023, p. 9).

Essa subjetividade estilhaçada é atravessada por uma vergonha que resiste à politização otimista, uma "vergonha patológica" que "tende [...] para a morte" (SMILGES, 2022, p. 228). A cena mais emblemática ocorre após o narrador beijar a mão de Muzil, já moribundo. O gesto de afeto é seguido por um ato de purificação compulsiva:

Então pousei meus lábios em sua mão para beijá-la. Voltando para casa, ensaboei os lábios, com vergonha e alívio, como se tivessem sido contaminados, da mesma forma que os ensaboei em meu quarto de hotel da rua Edgar Allan Poe depois que a velha puta enfiou a língua no fundo de minha garganta. E fiquei tão envergonhado e aliviado que peguei meu diário para escrever isso após o relato de minhas visitas anteriores. Mas me senti ainda mais envergonhado e aliviado depois que esse gesto feio foi escrito. Com que direito eu escrevia tudo aquilo? Com que direito fazia aqueles ataques à amizade? E com alguém que eu adorava de todo o coração? (GUIBERT, 2023, p. 80).

Aqui, a vergonha se produz em múltiplos níveis: a do contato com o corpo moribundo e a da própria escrita, do ato de transformar a agonia do amigo Muzil em matéria literária. Essa dupla vergonha parece ecoar a análise de Bersani (2011) sobre os "mecanismos indutores de vergonha internos à própria comunidade gay", onde a doença reativa um estigma que nem a amizade consegue anular. Guibert não busca superar essa vergonha; ele a inscreve como elemento central de sua política de recusa à redenção.

A essa implosão subjetiva pela vergonha, soma-se a despossessão causada pela traição na relação com Bill. O "amigo" do título funciona como o "objeto de emoção" (AHMED, 2015) central. Quando a promessa de salvação falha, a subjetividade de Guibert é despossuída. A traição de Bill é o ato que confirma o status de Guibert como ser abjeto: um corpo cuja vida não é digna de ser gerida, um reflexo íntimo do poder de

"fazer viver e deixar morrer" (FOUCAULT, 2005). A escrita emerge, então, como uma recusa a essa condenação. Ao se apropriar de sua condição de dejeto, ele expõe a violência de quem o descartou. O "sangue desnudado" torna-se a prova do crime de abandono.

A narrativa em abismo de meu livro se fecha sobre mim. Estou na merda. Até onde você quer me ver afundar? Morra, Bill! Meus músculos derreteram. Finalmente voltei a ter minhas pernas e meus braços de criança. (GUIBERT, 2023, p. 152).

A regressão final não é um sinal de fracasso, mas a conclusão lógica de uma escrita que assume a falta como sua verdade.

Uma ética antissocial: Auto-estilhaçamento e a recusa à redenção

A doença força em Guibert um "auto-estilhaçamento" extremo e involuntário. Mesmo assim, o ato de escrever transforma esse colapso em agência. Essa agência paradoxal, e de certa forma irônica, parece ecoar a obra de Leo Bersani. Em seu ensaio *"Is the Rectum a Grave?"*, ele argumenta que a sexualidade contém um potencial de "auto-estilhaçamento" (*self-shattering*), uma força que desfaz a coerência do eu (BERSANI, 1987). Para Bersani, o sexo anal receptivo, em particular, representa uma forma radical de autoperda que é intolerável para a cultura heteronormativa, que a associa fantasmaticamente à morte. Guibert, ao narrar a desintegração de seu corpo a partir de uma doença transmitida sexualmente, vive a literalização dessa fantasia homofóbica e, através da escrita, apropria-se dela.

A genialidade de Bersani está em propor uma reavaliação radical dessa mesma noção de autoperda. Em obras posteriores, ele a define como uma "prática higiênica de não-violência" (BERSANI; PHILLIPS, 2008, p. 96), pois é precisamente a dissolução da rigidez do eu que desmantela a hostilidade contra o outro. A autoficção de Guibert, portanto, pode ser lida não como um lamento, mas como a encenação literária desse estilhaçamento. Ao transformar o colapso imposto pela doença em um ato de escrita, ele se apropria da aniquilação, alinhando sua prática à ética de Bersani, que encontra poder na dissolução do eu.

A homossexualidade masculina anuncia o risco do sexual em si como o risco da autodestituição, de perder o eu de vista, e ao fazê-lo, propõe e perigosamente representa a jouissance como um modo de ascese. (BERSANI, 1987, p. 222).

A obra de Guibert aproxima-se, ainda, da dimensão mais radical da crítica de Bersani: a recusa a qualquer projeto redentor. Bersani (1987) critica as tentativas de

higienizar o sexo, associando-o a ideais de comunidade e amor. Ele defende, ao contrário, o valor da sexualidade como uma força potencialmente "anticomunitária [...] antiamorosa". "Ao amigo que não me salvou a vida" é uma obra profundamente antissocial nesse sentido. As relações são marcadas pela traição, manipulação e crueldade. A amizade com Bill torna-se a crônica de uma transação falhada, e o livro se converte, assim, num ato de vingança.

Esta abordagem encontra conexão com o imperativo político que Lee Edelman (2011) defende como central para a teoria *queer*. Edelman estende a crítica de Bersani, questionando o "projeto redentor de reinvenção do sexo". A obra de Guibert, ao insistir na traição e no colapso, performa a política que Edelman defende: uma que se recusa a ser redimida: "Mas e se disséssemos [...] que o valor da própria sexualidade é degradar a seriedade dos esforços para redimi-la?" (EDELMAN, 2011, p. 138).

Guibert parece responder afirmativamente em sua descrição do último ato sexual com Jules. A cena não é narrada como um momento de amor, mas como um mergulho na degradação e na mortalidade. O narrador descreve o ato como sendo de uma "tristeza intolerável", no qual ele e Jules se tornam um "quadro macabro de dois esqueletos sodomitas" (GUIBERT, 2023, p. 121).

Cravado no fundo de meu rabo, na carne que envolvia o osso da bacia, Jules me fez gozar olhando-me nos olhos. Foi um olhar insuportável, sublime demais, dilacerante demais, eterno e ao mesmo tempo ameaçado pela eternidade. (GUIBERT, 2023, p. 121).

Aqui, Guibert encontra o valor do momento em sua capacidade de "degradar a seriedade" da vida. A sexualidade não salva; ela é a própria encarnação do trauma, a aceitação de uma verdade sem redenção..

Conclusão

A recusa de Guibert em redimir a experiência da doença posiciona sua obra não apenas como um gesto antissocial, mas também como um ato historiográfico dissidente. Para o historiador Guilherme da Silva Cardoso (2022), a autoficção de Guibert produz uma temporalidade específica, o "tempo do adoecimento", que se opõe à cronomatividade. A feitura do livro torna-se uma corrida contra o veredito biológico.

Essa insistência na negatividade posiciona a obra de Guibert como um exemplo da prática crítica que Heather Love (2007) denomina "sentir-se para trás" (*feeling backward*). Love questiona a hegemonia das narrativas de progresso e superação, que exigem afetos positivos em detrimento de sentimentos "retrógrados" como a vergonha, a dor e a melancolia. Para Love, ignorar esses afetos é praticar um apagamento histórico.

A autoficção de Guibert pode ser lida como um ato político de *feeling backward*: em vez de buscar um "bom uso" para o trauma, a obra insiste em habitar sua devastação.

A história dos perdedores, dos solitários, dos antiquados e dos doentes raramente é edificante; na verdade, parte de seu valor reside em sua capacidade de resistir a servir como um modelo positivo. [...] Olhar para trás [...] pode ser uma forma de manter as coisas em jogo. (LOVE, 2007, p. 5-6).

Nesse sentido, a autoficção de Hervé Guibert não encerra a história da aids; ela a mantém radicalmente "em jogo". Ao abraçar o estilhaçamento, a vergonha e a recusa à redenção, Guibert pratica uma política da memória que não busca a superação, mas a insistência. A agenda que se desenha a partir do ato "atroz" de Guibert é clara.

Primeiro, propõe uma Epistemologia da Ferida: produzir um saber que parte da consciência da ferida normativa, capitalista e colonial, entendendo o corpo como materialidade e arquivo. Essa epistemologia opera em estado de "urgência", mobilizando a raiva e o medo como ferramentas críticas para desmontar as narrativas teleológicas de progresso; ou de regresso.

Segundo, essa epistemologia informa uma Política da Insubordinação, que desconfia de toda identidade fechada e atua contra a gestão biopolítica do capitalismo. A tática é a de um "vandalismo neuroqueer": uma recusa à produtividade para obstruir a máquina normativa. É uma política de *Futuros Crip* que rejeita o futurismo reprodutivo e se alinha às lutas contracoloniais. É um chamado para habitar a ferida, produzir saber a partir dela e, com a raiva e o afeto que daí se desprendem, recusarmo-nos a ser curados, reabilitados, integrados ou salvos.

Uma epistemologia que parte da ferida informa uma práxis política que tem como premissa a máxima de Adorno: "O todo é o não-verdadeiro" (ADORNO, 2008). Essa negação radical de qualquer sistema totalizante que se pretenda a verdade fundamenta uma política que desconfia de toda identidade fechada. O "todo" a ser desmantelado é a própria fantasia de uma sociedade coesa, de uma norma universal ou de um sujeito unificado. Essa é também uma *Ética Bixa*, na expressão de Paco Vidarte que atua contra a gestão biopolítica do capitalismo cognitivo (VERCELLONE, 2008) e seu esforço para capturar o "não-idêntico". A tática é a de um "vandalismo neuroqueer" (FRITZ, 2024a): uma recusa à produtividade e um esforço coletivo para obstruir o funcionamento da máquina normativa.

Essa é uma política de *Futuros Crip* (*Crip Futures*), como propõe Alison Kafer (KAFER, 2013), que rejeita a temporalidade da "capacidade compulsória" (MCRUER, 2006) e do futuro heteronormativo. Alinha-se às lutas contracoloniais por "re-existência" (WALSH, 2013) e, crucialmente, se posiciona contra o futurismo reprodutivo: a lógica política que sacrifica o presente em nome de um futuro fantasmático, sempre encarnado na figura da Criança (EDELMAN, 2014). Essa não é uma luta de indivíduos, mas de

multidões insubordinadas (AMATO; GESSER, 2023). É uma política que é também relacional e micropolítica, articulada nos corpos que a norma rejeita. Ela forja alianças não a partir de identidades fixas, mas de uma recusa comum à gestão biopolítica da vida, sustentada pelo afeto e pela amizade como práticas de subversão.

Portanto, a agenda que se desenha a partir do ato atroz de Guibert é clara. É um chamado para habitar a ferida, produzir saber a partir dela e, com a raiva e o afeto que daí se desprendem, recusarmo-nos a ser curados, reabilitados, integrados ou salvos. É a aposta numa política da dúvida radical e do questionamento permanente, onde a única posição possível é a da insubordinação. Uma política que nos obriga, como Guibert, a viver com "esse sangue desnudado e exposto, como o corpo despido que precisa atravessar um pesadelo" (GUIBERT, 2023).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 2008.

AHMED, S. *The Cultural Politics of Emotion*. 2. ed. Nova York: Routledge, 2015.

AMATO, B.; GESSER, M. Multidão insubordinada: perspectivas psicopolíticas para além de identitarismos. In: _____. (Org.). *As Várias Faces de Eva: o feminino na contemporaneidade*. v. 2. Editora Científica Digital, 2023.

BERSANI, L. Is the Rectum a Grave? *October*, Cambridge, n. 43, p. 197-222, Winter 1987.

BERSANI, L. *Homos*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Manantial, 1998.

BERSANI, L. Shame on You. In: HALLEY, J.; PARKER, A. (ed.). *After Sex?: On Writing Since Queer Theory*. Durham; London: Duke University Press, 2011. p. 91-109.

BERSANI, L.; PHILLIPS, A. *Intimacies*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

BESSA, M. S. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a aids*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BEVERNAGE, B. A presença do passado: para uma teoria da historicidade. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 15, p. 196-221, ago. 2014.

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Betttoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CARDOSO, G. S. *Tempos do adoecimento: a Aids e a autoficção de Hervé Guibert*. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

COLONNA, V. *L'autofiction: essai sur la fictionalisation de soi en Littérature*. 1989. Tese (Doutorado em Letras) - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1989.

CVETKOVICH, A. *Un archivo de sentimientos: Trauma, sexualidade y culturas públicas lesbianas*. Tradução de Javier Sáez del Álamo. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DERRIDA, J. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DOUBROVSKY, S. O último eu. In: NORONHA, J. M. G. (org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 111-125.

EDELMAN, L. The Phallus as Fetish; or, The Anals of Gay Melancholia. In: HALLEY, J.; PARKER, A. (ed.). *After Sex?: On Writing Since Queer Theory*. Durham; London: Duke University Press, 2011. p. 110-141.

EDELMAN, L. *No al futuro: la política queer y la pulsión de muerte*. Tradução de Javier Sáez e Adriana Carrasco. Madrid: Egales, 2014.

FAEDRICH, A. *Teorias da autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. [s.d.].

FOUCAULT, M. *Tecnologías del yo*. In: _____. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Introdução de Miguel Morey. Barcelona: Paidós, 1990. p. 45-94.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRITZ, L. Sortir ensemble / entrer ensemble: Vandalisme queer, vandalisme neuroqueer. *Trou Noir*, 2024a. Disponível em: <http://www.trou noir.org/Sortir-ensemble-entrer-ensemble-339>. Acesso em: 05 ago. 2025.

GOMES, A. P. M. B. *Temporalidades, história e a epidemia de aids*. Manuscrito não publicado, 2024a.

GOMES, A. P. M. B. *Neuroqueer: Tecnologias do eu - saber, tempo e desvio*. Manuscrito não publicado, 2025.

GUIBERT, H. *Ao amigo que não me salvou a vida*. Tradução de Julia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2023.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, D. J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. 1. ed. atualizada. São Paulo: n-1 edições, 2023a.

KAFER, A. *Feminist, Queer, Crip*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

KLEINBERG, E. *Historicidade Espectral: Teoria da História e o fantasma do passado*. Tradução de Alessandra Pavan. Araraquara: Letraria, 2022.

KLINGER, D. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, p. 11-29, 2008.

LOVE, H. *Feeling Backward: Loss and the Politics of Queer History*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCRUER, R. Critical Investments: AIDS, Christopher Reeve, and Queer/Disability Studies. *Journal of Medical Humanities*, v. 23, n. 3/4, p. 221-237, 2002.

MCRUER, R. *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. New York: New York University Press, 2006.

PERLONGHER, N. *El fantasma del SIDA*. Buenos Aires: Punto Sur, 1988.

RIVERA GARZA, C. *Escrituras geológicas*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2022.

RIVERA GARZA, C. *Escribir con el presente: archivos, fronteras y corpos*. Ciudad de México: El Colegio Nacional, 2023.

SMILGES, J. L. *Queer Silence: On Disability and Rhetorical Absence*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2022.

VERCELLONE, C. La thèse du capitalisme cognitif: une mise en perspective historique et théorique. In: COLLETIS, Gabriel; PAULRÉ, Bernard (coord.). *Les nouveaux horizons du capitalisme: Pouvoir, valeur, temps*. Paris: Economica, 2008. p. 71-95.

VIDARTE, P. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. Tradução de Pablo Cardellino Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WALSH, C. *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

NOTAS

AUTORIA

Augusto Platini Menna Barreto Gomes
Mestre / doutorando em História
Universidade Federal do Paraná
guto.patrini@gmail.com augusto.platini@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-8881-4292>

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: Gomes
Análise de dados: Gomes
Discussão dos resultados: Gomes

Revisão e aprovação: Gomes

FINANCIAMENTO

CNPq.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao CNPq pela bolsa de doutoramento.